Nº 252
IGREJA E APOSTOLADO POSITIVISTA DO BRASIL

O AMOR POR PRINCÍPIO E A ORDEM POR BASE:
O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem. *Viver às claras.*

Ainda as cruéis e absurdas monstruosidades

DO

DESPOTISMO SANITÁRIO

Mais um apelo às classes dominantes, e especialmente ao governo, a propósito do caso do paquete francês *Orléannais*, para que cesse a tirania do materialismo médico.

Anunciou *A Notícia* de ontem o seguinte:

"Deve deixar hoje à tarde ou amanhã pela manhã o nosso porto o paquete francês *Orléannais*, a cujo bordo se deram quatro casos de peste, dois dos quais fatais, durante a viagem.

Os dois enfermos aqui chegados e removidos para o hospital de S. Sebastião, onde foram submetidos ao exame que confirmou o diagnóstico anteriormente feito pelo próprio médico de bordo, Dr. Reynaud, estão em boas condições e continuam em tratamento.

O *Orléannais* segue com destino aos portos de Santos, Montevidéu e Buenos Aires. Durante a sua permanência no lazareto da Ilha Grande, o navio foi submetido a rigorosas desinfecções, quer nos porões, quer nas bagagens dos passageiros.

Os passageiros aqui desembarcados eram em número de 109 e a que ficaram sujeitos à vigilância sanitária durante 10 dias, de acordo com o regulamento sanitário em vigor.

Por determinação do Sr. Dr. J. Pedrozo, diretor-geral interino da Saúde Pública, *os passageiros que se destinam aos nossos portos foram imunizados pela vacina anti-pestosa,* sob os cuidados do Dr. Aragão, médico do Instituto Soroterápico Federal. Alguns dos passageiros que se destinavam ao Rio da Prata foram igualmente vacinados, a pedido dos mesmos".

Seria inútil reproduzir mais uma vez a série de considerações com que o Apostolado Positivista tem demonstrado a imoralidade e o absurdo de semelhantes práticas. Só nos resta, pois, protestar contra a persistência de tais práticas, lembrando que

elas constituem um dos mais cruéis e revoltantes sintomas da anarquia moral e mental em que se debate a sociedade moderna.

De fato, estas e outras aberrações semelhantes originam-se da falta de predomínio *social* da doutrina científica capaz de sistematizar a *subordinação do egoísmo ao altruísmo*. A ausência de tal doutrina deixa as classes dominantes à mercê do mais grosseiro empirismo, agravado pelas horríveis fantasias do materialismo médico, superexcitando todos os instintos egoístas e abafando todas as sugestões altruístas. Por outro lado, essa mesma falta de doutrina científica entrega a massa proletária sem defesa ao arbítrio tirânico das classes dominantes em tão deploráveis condições morais e mentais.

Para bem apreciar esse miserando quadro, cumpre observar que a defesa do proletariado só pode resultar da sua *união*; pois que, sem essa união, as classes dominantes encontrarão sempre, por um lado, instrumentos para cumprirem as suas inspirações despóticas; e, por outro lado, a marcha dos oprimidos, tornando-se apática, nenhuma resistência eficaz pode opor aos seus algozes.

Ora, a união dos sentimentos, supondo que surja em um momento de suprema angústia, não pode manter-se e desenvolver-se sem a *unidade* das convicções. E essa unidade, só o *verdadeiro* espírito científico, combinado com a poesia, o *espírito positivo* pode hoje proporcionar.

Eis porque, apesar da reação social, cada vez mais intensa e mais extensa, que o proletariado vai exercendo na sociedade moderna, não conseguiu ele ainda fazer prevalecer as suas incomparáveis aspirações a *fraternidade universal*.

Todas as doutrinas teológicas acham-se completamente exaustas na massa masculina. As teorias metafísicas — quer espiritualistas, quer materialistas —, pelo seu caráter subversivo das conquistas morais e políticas, e pela sua irracionalidade, são repelidas espontaneamente pela imensa maioria dessa massa masculina, graças à santa influência do sexo feminino, ajudada pelo bom senso vulgar. Daí a atitude expectante da generalidade dos proletários, que os faz parecerem apáticos ante uma anarquia cujo desenlace não percebem.

Resta a parte do proletariado que se abala ativamente como órgão das aspirações gerais. Essa parte não pode adquirir consistência, já porque eles falta o apoio da massa geral, já porque se acha fatalmente fragmentada pelas teorias metafísicas — espiritualistas e materialistas — que se oferecem como capazes de resolver o problema social.

E no meio desse caos, turbilhonam, às cegas, as classes dominantes, constituídas pelos destroços do regime antigo teológico-militar, ligados ao germes imperfeitos da sociedade futura científico-industrial.

Como admirar, pois, que todas as aberrações e todas as monstruosidades rebentem de todos os lados, quer vindas do proletariado, quer oriundas das classes dominantes?

Mas esse espetáculo mesmo mostra que ele não pode persistir indefinidamente, seja qual for ainda o número de gerações sacrificadas, apesar das dificuldades de pôr-lhe termo, mediante a livre vitória *social* da Religião da Humanidade.

Com efeito, para percebê-lo, importa, antes de tudo, reconhecer que semelhante desfecho só se dará, quando a *fé científica*, isto é, o Positivismo, tiver triunfado livremente em um número suficiente de almas femininas e masculinas, tanto no proletariado como nas classes dominantes.

Até lá, a anarquia há de persistir, e cada vez mais desenvolvida.

Isto posto, é fácil de convencer-se que a Religião da Humanidade acabará por superar todos os obstáculos que se erguem contra o seu triunfo. Por que esse triunfo resultará fatalmente do concurso de três fatores, cujo crescimento contínuo através do caos retrógrado revolucionário, é incontestável.

Desses três fatores, o primordial consiste no predomínio do *amor universal*, já agora desprendido irrevogavelmente, tanto de qualquer preocupação sobrenatural, como dos preconceitos domésticos e patrióticos. No meio mesmo das monstruosas guerras contemporâneas e da feroz tirania do materialismo médico, qualquer pode constatar o ascendente irresistível desse sentimento. Ele só não triunfou ainda de todo pelo atraso em que se acha a mentalidade de uma fração suficiente do proletariado e das camadas dominantes, bem como do sexo feminino.

O segundo fator de cujo concurso depende a implantação do regime normal, é constituído pelo predomínio *social* da fé científica. É do fatal atraso deste fator que resulta principalmente a situação anárquica da sociedade contemporânea, e especialmente a tirania médica. Porque o predomínio social da ciência não consiste simplesmente em sentir-se, de um modo vago, a supremacia da ciência. É indispensável que um número suficiente de espíritos, quer do proletariado, quer nas classes dominantes, quer no sexo feminino, conheça realmente o que é a ciência. Ora, isso é impossível sem uma apreciação filosófica de *toda a escola científica*, a saber: a matemática, astronomia, a física, a química, a biologia, a sociologia e a moral. O tipo dessa apreciação necessária hoje e anunciando a verdadeira extensão da *instrução popular futura*, consta do *Catecismo Positivista* de Augusto Comte.

Pois bem, mesmo na parte das classes letradas que se intitula de cientistas, é diminutíssimo o número dos que *concebem* estas sete ciências.

A quase totalidade dos cientistas apenas estuda algumas das ciências cosmológicas (matemática, astronomia, física, química) e esse estudo é feito e de envolta com fantasias metafísicas. Quanto aos fenômenos sociais e morais, o seu estudo continua em geral entregue às divagações de puros literatos, alheios a qualquer meditação científica. É por isso que as aberrações teológicas contemporâneas, como o *espiritismo*, por exemplo, podem citar cientistas, inclusive médicos, entre os seus adeptos.

Note-se, além disso, que que entre os letrados, como aliás em todas as classes sociais, são as inteligências vulgares que abundam. A restrição da cultura intelectual especial, mesmo reduzida à leitura e à escrita, induz, aliás, hoje, a confundir a inteligência com a instrução. Seja como for, os verdadeiros talentos, os gênios, são raríssimos. São, pois, as inteligências vulgares, armadas de uma instrução ilusória, que formam o conjunto habitual das chamadas academias e corporações científicas. E é por este conjunto que se deixam dominar os governos modernos; constituídos, em geral, por pessoas alheias às ciências positivas, e especialmente às teorias médicas, ou tendo recebido uma cultura científica eivada de metafísica.

É também por esses cientistas vulgares, preconizados pelos seus pares, que se deixam levar os proletários, mesmo na parte que mais se agita em busca da solução do problema social.

Os próprios que se proclamam anarquistas sofrem a fascinação desse falso prestígio científico.

Em semelhante situação só há um meio de salvação, e consiste na difusão popular da *verdadeira ciência positiva*, isto é, da ciência expurgada de toda a teologia e de toda a metafísica, de modo a desenvolver e sistematizar os resultados *reais* e *úteis* do bom senso vulgar, tanto *masculino* como *feminino*. O essencial para isso era que se realizasse tal operação filosófica, graças ao sublime concurso de um cérebro masculino e de um cérebro feminino, bastante felizes para haverem respectivamente condensado em si o conjunto da evolução peculiar a cada sexo. E foi o que a Humanidade já realizou, produzindo Augusto Comte e Clotilde de Vaux. Graças às meditações de ambas essas almas sem par, acha-se construída a fé universal, que fundiu em si a poesia e à ciência sob o predomínio universal da moral, isto é, do altruísmo.

Elaborada assim a doutrina científica destinada a substituir o teologismo exausto e a metafísica apenas dissolvente, a sua vitória é naturalmente contrariada pelos que se esforçam por manter, consciente ou inconscientemente, a anarquia moderna. Mas a impotência dessa oposição é manifesta, porque ninguém é livre de rejeitar as demonstrações que compreende, como confirma o ascendente cada vez maior de Augusto

Comte nestes cinquenta anos que já passaram sobre a sua pobre sepultura. Seja qual for a atitude atual da generalidade das classes dominantes, do seio dessas classes vão surgindo os apóstolos, mais ou menos imperfeitos, da nova fé, e levando-a ao coração da mulher e do proletário, de onde ela não tardará e romper com surpresa dos cegos dominadores e para a redenção desses mesmos, inclusive.

Enfim, o terceiro fator da regeneração definitiva da Humanidade é constituído pela atividade industrial, sucedendo assim a atividade guerreira. A contemplação da Terra não deixa dúvida acerca da supremacia irresistível que, por toda a parte, já adquiriu esse fator. De sorte que seria inútil insistir sobre uma consideração tão evidente.

Esta sumária apreciação prova, portanto, que a regeneração humana está dependendo só e só da vitória da doutrina filosófica que fundiu a ciência positiva com a poesia, a fim de sistematizar a combinação do amor universal com a atividade industrial, já preponderantes espontaneamente em toda a Terra. Conclui-se daí logo que o dever de quantos sinceramente se preocupam com a regeneração humana resume-se em contribuir, por todos os meios ao seu alcance, para o advento social de tal doutrina. Ora, para atingir semelhante obra torna-se indispensável estabelecer e manter o regime de completa liberdade espiritual, abstendo seus governos de proteger os teoristas quaisquer, tanto teológicos, como metafísicos, ou científicos, conforme o Apostolado Positivista não tem cessado de demonstrar, desde os tempos do Império.

Tal é o elevado ponto de vista que permite patentear toda a imoralidade de toda a irracionalidade do apoio que o governo brasileiro persiste em prestar a *uma parte da classe médica*, a pretexto de higiene. Violando o sentimento da fraternidade universal, restaurando a mais execranda das escravidões, porque viola-se ao mesmo tempo a consciência e o corpo dos cidadãos, em nome das fantasias materialistas, o governo só consegue tornar-se cego instrumento dos modernos inquisidores. E com essa atitude estão os atuais governantes opondo à regeneração humana os maiores obstáculos que de si dependem.

Em vez, pois de persistir em semelhante atrocidade, os estadistas brasileiros devem recordar-se do aforismo proclamado pelo velho patriarca da Independência política da América portuguesa, em seu projeto de abolição da escravidão: *A sã política é filha da moral e da razão.*

Como já tem o Apostolado Positivista ponderado de outras vezes, não é lícito invocar o exemplo dos governos, infelizmente retrógrado-revolucionários, a questão é a testa das nações ocidentais. Porque nenhum estadista no Brasil aceitaria que se substituíssem as nossas livres instituições políticas por aquelas que vigoram ainda em tais

governos. Como, pois, imitar uma conduta que é apenas a consequência da *confusão dos dois poderes*, que caracteriza os referidos governos?

Julgamos que essas reflexões bastam para mostrar, mais uma vez, que o dever dos estadistas brasileiros exigem apenas que eles obedeçam lealmente aos imortais princípios exarados na Constituição Federal. E se, no momento de organizar-se a República Brasileira, as classes dominantes foram capazes de sentir o alcance regenerador desses princípios, não é utópico esperar que essas classes compreendam enfim o seu dever. Até lá, continuará a atentar-nos a lei suprema da História que tem superado todos os despotismos: *O homem se agita e a Humanidade o conduz.*

Pela Igreja e Apostolado Positivista do Brasil,

R. Teixeira Mendes,
Vice-Diretor

Em nossa sede, Templo da Humanidade, rua Benjamin Constant, nº 30.
Rio, 3 de Frederico de 119, (7 de novembro de 1907)

(Publicado na seção ineditorial do *Jornal do Commercio* de 8 de novembro de 1907.)